**Vidas Negras importam: Currículos, significados e lutas cotidianas**

*Thayara Rocha – Graduanda em História /UNESA*

*Allan Rodrigues – Programa de Pós-graduação em Educação/UNESA*

**RESUMO**

O presente texto visa discutir questões sobre como o currículo e suas “prescrições” dentro dos conteúdos abordados nas aulas de História contribuíram e contribuem para formar a visão que ainda hoje temos a respeito dos grupos marginalizados, africanos e afro-brasileiros, corroborando com a invisibilização de suas histórias de lutas e resistências. Nesse sentido, temos como aporte teórico e metodológico os estudos dos cotidianos e o pensamento afrocentrado. Por fim, desejamos (re)desenhar o campo do Ensino de História para que possamos reafirmar que vidas negras importam e potencializar práticas curriculares que permitam o processo de discussão sobre a diáspora africana.

Palavras-chave: Currículo, Ensino de História, Ideologia, Invisibilização.

**INTRODUÇÃO**

O presente texto parte de reflexões sobre o campo do currículo e o seu entrelaço ao campo do ensino de História com o recorte das questões étnico-raciais. Já é sabido que o campo da educação é um espaço de disputas de lógicas e crenças, nesse sentido, parte de uma compreensão de visão de mundo. Com essa mesma visão foi projetada uma perspectiva de sujeito, sociedade e organização cultural e econômica. Essa mesma visão organiza tanto as políticas educacionais e o sentido do que se deve aprender, quando aprender e como aprender. Aqui, marcamos que no bojo curricular só existe uma história única sobre o sujeito e os processos de conhecimento. Ou seja, temos pesquisado sobre políticas educacionais e analisado como elas são projetadas para contar sobre uma única visão de mundo. Isto é, é contada apenas uma única história sobre educação e sujeito. Chimamanda (2009) nos lembra sobre o perigo da história única. Quantas histórias foram esquecidas dentro do currículo do ensino de História?

Assim, intencionamos problematizar como a História, enquanto disciplina escolar e campo da pesquisa científica das ciências humanas, produziu e produz representações e significações através dos conteúdos da “história oficial”, invisibilizando grupos e suas trajetórias de luta e resistência. Aqui, em especial, nos deteremos à problematização desses processos de invisibilização com a diáspora africana.

Nesse sentido, este texto é um ensaio teórico e filosófico que foi produzido dentro do grupo de Pesquisa AYO: Coletivos Docentes e Redes Curriculares para pensar a relação entre conteúdos, currículo e ensino de História. Tal perspectiva desenvolvida no grupo de pesquisa nos permite compreender o currículo como um conjunto significações, processos culturais e ideologias. Silva descreve que:

A escola atua ideologicamente através de seu currículo, seja de uma forma mais direta, através de materiais mais suscetíveis ao transporte de crenças explícitas sobre a desejabilidade das estruturas sociais existentes, como Estudos Sociais, História, Geografia por exemplo (Silva, 1999, p. 31).

Ao pensar sobre o currículo em relação ao ensino de História temos como projeção pensar um ensino de História que possa permitir a emancipação social e a narrar outras histórias para além da “oficial”. Será que o Ensino de História carrega uma significação neutra ou ideológica? Ideologia para quem? Ensino de História? Que História? Advogamos ao longo do texto que é preciso recuperar algumas perguntas para compreender se avançamos ou estamos ainda sendo balizados pelo pilar de uma “educação” universalizante? Ou um pilar do ensino de História “universal”. A resposta nos parece óbvia, mas a ideia desse texto é tornar o óbvio perturbante.

A Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira no ensino básico público e privado, deu respaldo para docentes e gestores trabalharem a temática em sala, deixando de ser uma prática opcional. A Lei, que já ultrapassa 20 anos desde sua promulgação, inegavelmente representa um avanço e corrobora com o esforço no intento de mudança de paradigma, dentro dos conteúdos gerais e de ensino de História, voltados para uma abordagem eurocentrada e monocultural. Contudo, se faz necessário indagarmos como esta história vem sendo trabalhada em sala: permanecemos congelados no ensino da cultura africana e afro-brasileira a partir dos vieses únicos de sofrimento, dominação e morte? Estamos inserindo dentro desta temática questões como: contribuições científicas e tecnológicas, criatividade, resistência e vários outros aspectos positivos legados por estes povos?

Acreditamos que, para que a escola possa vir a ser um ambiente que possibilite aos docentes e discentes criarem e expandirem a consciente crítica, é necessário que deixe de ser um ambiente segregador, que não incorpora em suas práticas cotidianas a pluralidade e a diversidade de experiências, uma riqueza que produz uma diversidade de conhecimentos (Arroyo, 2013), sem isso a escola continuará a ser um local que, em vez de incitar a ânsia pelos diversos saberes, produz uma massa de discentes que continuarão a produzir questionamentos em torno do porquê aprendem esse ou aquele conteúdo, já que não irá servir para nada em seu futuro, questionamentos válidos, que vão de encontro à ânsia de aprender algo que vá de encontro a seus cotidianos.

Como transformar uma infinidade de conteúdos em algo que consiga surtir algum efeito real na vida cotidiana? Como incorporar suas vivências a um conteúdo que parece não comtemplar a realidade de grande parte dos alunos da escola pública no Brasil, composta por arranjos familiares, raças e crenças religiosas diversas? A escola se mostra a cada dia, principalmente a partir da onda neoconservadora e neoliberalista, como um ambiente cuja “principal função é a socialização dos sujeitos, tornando-os capazes de partilhar a cultura, uma mesma cultura. A educação forma assim, sujeitos cultivados.” (Lopes; Macedo, p.3,2011).

A ideia inicial desse texto de pesquisa não é apresentar uma regra ou um dogma sobre o ensino de História, ou melhor, um currículo de ensino de História. Mas, antes que tudo, retomar alguns princípios e reformular outras questões. Nesse sentido, o currículo nunca é neutro, “Ele é sempre parte de uma tradição seletiva, resultado da seleção de alguém, da visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo” (Moreira; Tadeu, 2013, p. 71), quem seleciona o que pode ou não ser ensinado não está escolhendo de forma leviana, existe um propósito “oculto ou não” na proposição de falta de sentido, principalmente para os alunos da classe trabalhadora, que, conforme se almeja, não precisam aprender a ter uma consciência crítica, que é também desenvolvida a partir das conexões percebidas entre conteúdo e cotidiano.

**CONCLUSÃO**

Considerando que a busca por novos saberes, em especial no ensino de História e as questões raciais, são fundamentais para dissolver a hegemonia presente nas prescrições curriculares, o que propomos através das discussões aqui expostas é problematizar a “história oficial” e seus processos de invisibilização de identidades e a monoculturalidade do currículo. O currículo como território em disputa (Arroyo, 2013) dificilmente deixará de ser um campo em conflito, uma vez que a escola, enquanto aparelho ideológico do Estado (Althusser, 1971), se faz cada dia mais necessária para aqueles que pretendem manter o *status quo*. Nesse sentido, por ora, a pesquisa concentra-se em pensar como podemos produzir currículos na área do ensino de História que tenham como pauta a diferença e um possível diálogo entre as diferenças. Precisamos disputar um currículo que potencialize outros aspectos das vidas negras para além do negativo e amplie as vozes cotidianamente, reafirmando a máxima de que “Vidas Negras Importam”.

**REFERÊNCIAS**

ADICHIE, Chimamanda. ―**O Perigo da História Única**‖. Vídeo da palestra da escritora nigeriana no evento Tecnology, Entertainment and Design (TED Global 2009). Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, V.1, n. 11, pp. 46- 59, jul./dez. 2014. ISSN: 2176-381X http://www.ted.com/talks/chimamanda\_adichie\_the\_danger\_of\_a\_single\_story?langua ge=pt. Acesso em: 5 de maio de 2014.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LOPES, Alice; MACEDO, Elizabeth. **Teorias do Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Currículo, Cultura e Sociedade**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de Identidade:** Uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999.